

IDENTIDADE, REFLEXÃO E AUTONOMIA DOCENTE

VIANA, Fabiane Deluque¹

Resumo - Este artigo apresenta uma reflexão sobre a importância de o professor reconhecer a sua identidade e exercer a sua autonomia docente no contexto educacional. Para tanto, por meio de levantamento bibliográfico, buscou-se discorrer acerca da importância de o professor identificar-se com a sua profissão e, a partir disso, desenvolver uma prática autônoma que faça a diferença na aprendizagem do estudante. A pesquisa bibliográfica foi realizada com base nos artigos selecionados para serem estudados nas aulas da disciplina de “Formação de Professor: concepções e práticas”, trabalhada no segundo semestre de 2019, ofertada por meio do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu), mestrado acadêmico, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus de Cáceres, e outros autores que discutem a formação de professores. A questão abordada leva-nos a refletir sobre: O que é ser professor? Como ser professor no século XXI, ensinar e aprender com sentido e autonomia? Essas foram algumas das questões que impulsionaram a escrita deste artigo, enquanto mestrande e professora de uma escola da rede pública municipal. Concluiu-se que são muitos os enfrentamentos da carreira docente, todavia a formação continuada, quando subsidiada por debates teóricos que fundamentam a prática, provoca reflexões nos professores que os ajudam a enfrentar e a superar as dificuldades.

Palavras-chave: Professor; Identidade; Autonomia; Aprendizagem.

Introdução

O manuscrito foi elaborado a partir das aulas trabalhadas na disciplina de “Formação de Professores: concepção e práticas”, ofertada no curso de Pós-Graduação Stricto Sensu, (PPGEdu) pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), mestrado acadêmico, ministrada pela professora Dr^a Ângela Rita Christofolo de Mello, no semestre 2019/2. Foram trabalhados trinta e nove artigos que abordaram a formação de professores e o contexto escolar, professor reflexivo e pesquisador, identidade e autonomia docente. Dos textos trabalhados foram selecionados alguns para a elaboração deste artigo.

As aulas, distribuídas em uma carga horária de sessenta horas, foram trabalhadas em três encontros de vinte horas cada um, nos meses de agosto, outubro e novembro. Um grupo de onze acadêmicos, sendo seis mestrandos e cinco matriculados como acadêmicos especiais participaram ativamente das aulas. A metodologia utilizada pela professora foi trabalhar a cada

¹ Graduada em Pedagogia - pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Mestranda do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação PPGEdu. Professora da Rede Pública Municipal. E-mail: faby_delvi@hotmail.com

encontro modular, um texto base que nortearia os demais textos. Nos três encontros, no primeiro momento, a professora fez uma explanação inicial acerca do tema abordado naquele encontro. Na continuidade das aulas os acadêmicos, individuais ou em duplas, deram continuidade às discussões com textos que versavam sobre o tema de cada encontro. Todos os textos foram apresentados e discutidos com muita troca de experiências, pois os acadêmicos matriculados eram professores que atuavam em sala de aula ou que já tinham atuado, condição que permitiu e valorizou o compartilhamento de experiências. Essa dinâmica de trabalho, veio ao encontro dos textos trabalhados e sempre com a contribuição ou intervenção da professora Dra. Ângela Rita, com vivências e experiências na Educação Básica e Superior, e também enquanto professora formadora do Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPRO), onde esteve à frente das ações de formação de professores.

Enquanto mestranda, a opção por esta disciplina justificou-se pela necessidade de aprimorar conhecimentos inerentes à docência e a educação, ao considerar que o ser humano é um ser curioso e inacabado, que precisa aprender com outros seres humanos, seja por meio do aprofundamento teórico, da convivência ou da troca de experiência entre os pares. Nas aulas foi possível repensar a atuação docente ao compreender que além da formação inicial, a formação continuada, ofertada de forma articulada à teoria e à prática, é uma necessidade de todo docente. Neste sentido, o mestrado em educação configurou-se como uma formação complementar muito rica, por propiciar o aprofundamento teórico, articulado às experiências práticas.

Então, a partir das leituras e discussões foi possível apresentar duas reflexões relevantes para compreender o papel do professor, enquanto profissional. Primeiro, é possível afirmar que ser professor é assumir uma profissão, agir como profissional e assumir compromissos. É uma profissão que exige domínio do professor, do conteúdo que os estudantes precisam aprender. Todavia, para tanto, é preciso despertar a curiosidade no estudante, a vontade dele em aprender. Nesse processo, a autonomia docente poderá fazer a diferença, ao permitir que o estudante também tenha autonomia para organizar o seu processo de aprendizagem. Diante dessas reflexões surgiram questionamentos: O que é ser professor? Como ser professor no século XXI de forma que possa ensinar e aprender com sentido e autonomia?

Como destacam Castro e Malasavim (2017), para ser professor é preciso dedicação, esse pensamento infere que ser professor não é fácil, exige, além da dedicação, conhecimento teórico e prático, não apenas da docência, mas também científicos que precisam ser trabalhados, dentre

outras habilidades que são construídas no dia a dia da atividade docente. Ressalta-se, contudo, que o processo que o professor vivenciará em sua trajetória profissional, de certa forma, permitirá que se reconheça ou não, enquanto professor. Por outro lado, reconhecer-se enquanto professor definirá o modo como percebe e entende a educação.

Muitas vezes essa trajetória profissional é repleta de dificuldades que impedem a atuação pedagógica do professor, o desafio é grande, o trabalho é árduo, é preciso identidade docente, é preciso autonomia. Contudo, para além disso, é preciso ensinar e aprender movido pelo sonho de que é possível melhorar a realidade da educação brasileira, para o bem-estar da comunidade escolar, principalmente dos estudantes.

Professor e identidade docente: um desafio que pode ser prazeroso

Os temas abordados nos artigos debatidos nas aulas de mestrado em educação destacaram, dentre muitos outros aspectos, que a formação inicial do acadêmico não é suficiente para sua profissionalização. Ser professor requer esforço e dedicação após a formação inicial. Mesmo porque, para que o crescimento profissional aconteça, é preciso que o professor se identifique com a profissão docente, se reconheça professor. Esta identidade geralmente não é obtida na graduação, mas no dia a dia da atuação docente, quando se aprende a ser professor, a partir do momento que a identificação com a profissão acontece.

Como menciona Gadotti (2011), muitos dos acadêmicos da Pedagogia ou de outras Licenciaturas, não pensam em ser professor e assumir salas de aula. Com isso, o desinteresse é grande, embora estejam se profissionalizando para este ofício, muitos quando terminam o curso, exercem outra profissão. Esse fenômeno, explica o referido autor, provavelmente acontece pelo fato desta profissão ser desvalorizada, principalmente no Brasil. Ele adverte que esse cenário da desvalorização precisa ser mudado, o professor deve entender a crise e lutar por salários justos e escolas melhores, esclarecer à sociedade a importância dessa profissão. Para tanto, é fundamental identificar-se com ela.

Neste contexto, o professor precisa de espaços e de tempos que permitam um trabalho de autoconhecimento, de autoconstrução, de acompanhamento e reflexão sobre a profissão. Um professor aprende a ser professor no trabalho metódico, sistemático, com o aprofundamento de três dimensões centrais. A primeira é o desenvolvimento de uma vida cultural e científica própria. A segunda é a dimensão ética, a construção de um *ethos* profissional. A terceira

dimensão é a compreensão de que um professor tem de se preparar para agir num ambiente de incerteza e imprevisibilidade. Mesmo porque, no dia a dia das escolas o professor é convocado a dar respostas a dilemas que não têm uma solução pronta, o que exige de todos os profissionais uma formação humana e responsável. (NÓVOA, 2017, p. 1121;1122).

Iza Vedovatto (2014) apresenta um panorama para a compreensão da identidade docente, entendida como processo de construção social de um sujeito historicamente situado. Neste processo, a identidade do professor é adquirida por meio da formação escolar, formação inicial, experiências diversificadas, processos de formação continuada, dentre outras formas. A autora, define a constituição da identidade docente como um longo processo, com tempo para assimilar a formação e para aprender como agir enquanto pessoa e profissional.

Desse modo, a reconhecimento da identidade docente envolve o ambiente externo da política, o contexto profissional e a experiência pessoal. A ideia central é que existem três dinâmicas ligadas que definem o professor, sendo a aprendizagem profissional compreendida enquanto ativismo docente e desenvolvimento pessoal. Essas dinâmicas resultam na melhoria qualitativa do envolvimento e compreensão de si próprio, no campo de trabalho ou nas esferas políticas. (IZA VEDOVATTO, 2014) apud (MOCKLER, 2011, p. 276).

A identidade docente é constituída por faces, uma delas é o desenvolvimento profissional, que engloba a formação inicial e ainda os momentos de aprendizado no próprio exercício da profissão. A identidade profissional, na concepção de Claude Dubar, não se trata de definir uma identidade fixa, mas, de compreender as múltiplas identidades que existem numa profissão e, sobretudo, de pensar a construção identitária como um processo. (NÓVOA (2017) apud (DUBAR, 1998, p. 2000).

Iza Vedovatto (2014) apud Tardif (2002), ao renovar o pensamento sobre a docência epistemológica da prática profissional, defende o estudo cotidiano, os saberes da experiência profissional que darão sentido às experiências e aos saberes que emergem ao longo de toda a trajetória de desenvolvimento profissional. Assim, definem influências importantes e impactantes para a própria identidade e delimitam o modo como o professor se vê e entende sua profissão.

Como debatido na disciplina cursada, o trabalho docente não é fácil e exige do professor conhecimentos científicos, metodológicos e práticos. Em consonância a esse pensamento podemos mencionar que “A aprendizagem docente se dá por meio das situações práticas, que exigem deste profissional um desenvolvimento amplo, não apenas de conhecimentos, mas de

atitudes, valores, bem como de capacidade de trabalho colaborativo.” (BRANCHER; BAPTISTA; CONCEIÇÃO; MARASCHIN, 2007, p. 67).

O professor tem a capacidade de se organizar criticamente, de atuar com autonomia e independência na vida política e social. Entretanto, Zanchet e Fagundes (2012) ao mencionar Tardif (2002), sinalizam para o fato que uma das primeiras profissões que o ser humano tem contato desde a infância é com a de professor. Esta experiência vivenciada nos espaços de educação formal, deixa suas marcas que podem ser reproduzidas na vida profissional, se estes se tornarem professores.

De acordo com Brancher, Baptista, Conceição, Maraschin (2007), estamos num mundo definido pela Modernidade, em outros momentos pela Pós-modernidade, ambas caracterizadas por um contexto de profundas crises, incertezas e questionamentos. Essas crises geraram vários questionamentos, dentre estes: quem é o professor que vive o século XXI?

Atualmente exercer uma atividade docente é diferente do que era há tempos atrás. Mudanças ocorreram na sociedade e no mundo, e a inserção da tecnologia, é parte das grandes mudanças que proporcionaram infinitas inovações, tanto nos meios de produção, como de entretenimento e nas relações interpessoais. Neste contexto, o professor precisa atualizar-se e acompanhar as inovações tecnológicas, porque os estudantes exigem do professor, mudanças pedagógicas, compatíveis com a sociedade informatizada. Neste sentido:

Ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, o papel do professor vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação, que se tornou permanentemente necessária. (GADOTTI, 2011, p. 24).

As novas tecnologias criaram novos espaços de conhecimento, as pessoas estudam em casa, acessam cursos à distância. Com isso, o acesso a informação pode ocorrer no espaço não escolar, desde que haja a ferramenta tecnológica necessária. Todavia, para que a informação acessada se transforme em conhecimento, o trabalho do professor continua sendo fundamental.

Assim, na constituição da identidade dos professores se entrelaçam as dimensões pessoais e profissionais de uma construção e (re)construção que os levam a agir e a tomar decisões, a se reconhecerem como um formador das novas gerações. Por isso, “A identidade profissional docente é construída numa relação indissociável entre a formação específica e a

prática cotidiana, por saberes que são significados e ressignificados pela prática.” (PRYJMA, 2016, p. 53).

Isso implica uma formação adequada ao professor, seja na graduação ou formação continuada. Para tanto, é importante que o currículo não seja fragmentado, elaborado por técnicos que não valorizam a reflexão sobre a prática docente. Mesmo porque, o professor não deve limitar-se a ser um mero executor de atividades, semelhante ao trabalhador de outros setores da sociedade. É importante compreender que em termos sociológicos, o trabalho modifica a identidade do trabalhador, trabalhar não é somente fazer alguma coisa, mas fazer alguma coisa consigo mesmo.

Ora, se o trabalho modifica o trabalhador e sua identidade, modifica também, sempre com o passar do tempo, o seu “saber trabalhar”. De fato, em toda ocupação, o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, na medida em que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho: “a vida é breve, a arte é longa”, diz o provérbio. Grifos dos autores (TARDIF; RAYMUND, 2000, p. 211).

Nesse sentido, a racionalidade técnica deve ser superada pelo trabalhador que se reconhece profissionalmente, no caso do professor, este deve ter postura e autonomia, lutar pelos seus direitos, sempre respeitando os seus deveres. O trabalho docente aprende-se com a prática, assim como se aprende a engatinhar, a andar, o que requer tempo, paciência e dedicação. Como afirma Gadotti (2011, p.17) “Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente; e a pedagogia deve servir de guia para realizar esse sonho.”

O professor é figura elementar do processo educacional, tem grande responsabilidade ao lidar com vidas em formação, devendo ser qualificado para viver um grande desafio: o de provocar o interesse dos estudantes pela aprendizagem. Para tanto, recomenda-se estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuo. Assim:

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência** e **sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Grifos do autor (GADOTTI, 2011 p. 26).

Com base nesse pensar, pode-se compreender que o mundo contemporâneo exige um novo perfil de professor, com uma nova identidade que lhes permita adequar e transformar sua

atuação diariamente. A racionalidade técnica e a educação bancária não têm sentido ao limitar a existência de professores e estudantes, pois estes são capazes de construir e reconstruir conhecimentos, bem como manter uma postura dialógica. Neste contexto, Gadotti (2011) define o professor como um profissional que precisa ter autonomia e atuar com muita liderança. Para ele, a competência genérica desta profissão está, sobretudo, em seu saber político-pedagógico.

Como afirma Nóvoa (2017), ser professor é conquistar uma posição no seio da profissão, mas é também tomar posição, publicamente, sobre os grandes temas educativos e participar na construção das políticas públicas. É aprender a intervir como professor. Obviamente, também aqui se exige uma preparação, uma consciência crítica, que tem de ser trabalhada desde a formação inicial.

Identidade docente e autonomia pedagógica

A identidade docente é um aspecto importantíssimo na vida profissional do professor, junto com essa identidade, pode-se agregar a autonomia do profissional docente. A autonomia docente, por sua vez, proporciona uma ação pedagógica segura que pode favorecer o processo de aprendizagem dos estudantes. Desta feita, o que contribui para que o professor se identifique com a profissão e consolide sua autonomia docente é o aprofundamento nos conhecimentos dos fundamentos teóricos e práticos que favorecem a compreensão e a reconstrução da identidade profissional, com vistas a uma atuação docente mais autonomia.

Muitos autores discutem aspectos relacionados ao contexto educacional, no entanto não poderia deixar de citar o renomado Paulo Freire, que leva o professor à reflexão de vários assuntos importantes dentre estes, a autonomia docente. Embasado na “Pedagogia da Autonomia”, de Paulo Freire, Castro e Malasavim (2017) mencionam a importância do compartilhamento de conhecimentos entre o professor e os educandos, que constroem e reconstruem seus conhecimentos e, com isso, desenvolvem sua autonomia. Nessa construção, é preciso respeitar o contexto cultural, social e afetivo do estudante. Para tanta, orienta-se dialogar com os estudantes, ouvi-los, prestar atenção nas manifestações de suas emoções, dar atenção, enfim, interagir com os estudantes, pois estas atitudes favorecem a constituição da autonomia.

Petroni e Souza (2009) compreendem a autonomia como capacidade do sujeito de tomar decisões, de ser responsável pelos seus atos, de saber ser crítico, ter dignidade. Na concepção

das autoras o educador que se propõe a trabalhar na perspectiva progressista, propõe reconhecer-se como parceiro do estudante e a promover o seu desenvolvimento. Nesse contexto, a orientação é de que escola permita abrir espaços para que estudantes e professores formem para a autonomia e que essa autonomia se propague por meio da educação.

As reflexões sobre a conquista da autonomia buscam uma forma de melhorar a educação ofertada, de melhorar as relações existentes no contexto escolar, de pensar no papel da instituição escolar, assim como no professor e na formação do estudante, de acabar com o autoritarismo que afeta as relações no interior da escola. Importa, ainda, reduzir a burocracia e a politicagem que muitas vezes emperram o bom andamento das atividades educativas.

A postura educacional do professor reflexivo, por sua vez, envolve, como afirmado, domínio teórico e pedagógico. No entender de Freire (2019), o professor deve exercer a prática docente de forma que os estudantes tenham autonomia para aprender. Assim, é dever da escola respeitar os saberes dos estudantes, para que os conhecimentos sejam mediados de maneira a atender as suas expectativas. A prática do professor deve provocar a curiosidade nos estudantes por meio do incentivo à pesquisa.

O processo de construção da autonomia deve permear a relação professor e estudante. Neste sentido, a escola tem papel importante ao fornecer subsídios para que essa autonomia de fato aconteça, o professor pode fazer a diferença ao exercer uma postura adequada e segura frente aos estudantes que viabilize a aprendizagem.

Valério (2017) adverte que alguns cenários como, condições de trabalho, bom salário e possibilidades de tomar decisões podem remeter a autonomia docente, mas também podem se traduzirem em refinadas formas de controle. Desse modo, somente quando os professores puderem exercer na docência tomadas de decisões (nos conteúdos, práticas, avaliações), a reflexão crítica, visões de mundo e experiências é que a autonomia poderia ser entendida como qualidade educativa. Em sua concepção, a autonomia de professores reside em aspectos pessoais como compromissos moral, ético e sociais, de relacionamento e dos valores que os norteiam, sendo uma questão humana e de elemento educativo.

Duboc e Santos (2007), afirmam que a autonomia é tema recorrente no debate contemporâneo, tornando-se um conceito amplo e impreciso. O termo autonomia pode variar seu significado, dependendo do contexto em que é empregado. A autonomia é um processo individual, mas também um processo de transformação da instituição escolar, na medida em que novas práticas participativas e democráticas são implementadas e consolidadas na

educação. Para esses autores, a autonomia constitui-se em um espaço de construção; que não deve negar a sua obrigação moral, ética, política e pedagógica, mas possibilitar que o educando se reconheça como sujeito de sua própria história, sendo estimulado a participar das questões sociais da sua época.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo refletir sobre a importância de o professor reconhecer a sua identidade e exercer a sua autonomia docente no contexto educacional. Em atenção aos referidos objetivos, lançaram-se os seguintes questionamentos: O que é ser professor? Como ser professor no século XXI de forma que possa ensinar e aprender com sentido e autonomia?

Ao refletir acerca desse objetivo e questionamentos compreendeu-se que a constituição da identidade e da autonomia docente facilitam o trabalho do professor ao proporcionar um ambiente educativo prazeroso junto à comunidade escolar. É preciso reconhecer-se, vivenciar o ato educacional com seus problemas e desafios, é preciso aprender a ser professor na rotina escolar, ensinar e conduzir o outro, neste caso os estudantes.

O professor constrói o seu conhecimento docente por meio de uma estreita interação entre o continuado aprofundamento teórico, articulado a sua atuação docente no interior da sala de aula. Por meio da prática da flexibilidade, o professor, gradativamente poderá se descobrir professor, constituir a sua identidade docente, a partir das lutas e enfrentamentos das dificuldades encontradas no chão da escola. Do reconhecimento enquanto professor, depende a construção da autonomia pedagógica.

Portanto, é no contexto da prática docente que a identidade e a autonomia vão sendo construídas, por meio do diálogo, da reflexão e da tomada de decisão. Nesse cenário educacional é preciso sentido, sensibilidade para ensinar e para aprender, é preciso muito diálogo e paciência, assim como atenção, responsabilidade e respeito mútuo.

IDENTITY, REFLECTION AND TEACHING AUTONOMY

Abstract - This article presents a reflection on the importance of the teacher recognizing his identity and exercising his teaching autonomy in the educational context. Therefore, through bibliographic survey, we sought to discuss the importance of the teacher identifying himself with his profession and, from that, develop an autonomous practice that makes a difference in

student learning. The bibliographical research was carried out based on the articles selected to be studied in the classes of the subject “Teacher Training: conceptions and practices”, worked in the second semester of 2019, offered through the Graduate Program in Education (PPGEdu), academic master's degree, from the State University of Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres campus, and other authors who discuss teacher training. The question addressed leads us to reflect on What does it mean to be a teacher? How to be a teacher in the 21st century, teach and learn with meaning and autonomy? These were some of the questions that drove the writing of this article, as a master's student and teacher at a public school in the city. It was concluded that there are many confrontations in the teaching career, however, continuing education, when subsidized by theoretical debates that support the practice, provokes reflections in teachers that help them to face and overcome difficulties.

Keywords: Teacher; Identit;, Autonomy; Student.

Referências

BRANCHER, Vantoir Roberto. BAPTISTA, Elza Hirata. MARASCHIN, Mariglei Severo. CONCEIÇÃO, Victor Julierme Santos da. Formação do Professor: Algumas Reflexões Coletivas. **Educere et Educare. Revista da Educação**, vol. 2, n. 4 jul./dez. 2007 p. 63-75. Disponível <http://www2.ifrn.edu.br> > Capa > v. 6 (2019) > Guerch. Acesso em: 22 de novembro de 2019.

CASTRO, Sumaya Pimenta de. MALAVASIM, Abigail. A Relação da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire com a Prática Docente no Contexto Educacional. **E-Mosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. (CAp-UERJ)**, v. 6, n. 13, dez 2017.

DUBOC, Maria José Oliveira. SANTOS, Solange Mary Moreira. A autonomia de Professores da Educação Básica: em busca de compreensão. **Sitientibus**, Feira de Santana, n.36, p.21-42, jan./jun. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: saberes necessários a prática educativa**. 62ª ed- Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido / 2. ed.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação cidadã; 2).

IZA VEDOVATTO, Dijnane Fernanda et al. Identidade docente: As várias faces da constituição do ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p. 273-292, 2014. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 18 de novembro de 2019.

NÓVOA, António. Firmar a posição como Professor, afirmar a profissão. Docente. **Cadernos de Pesquisa**, v.47 n.166 p.1106-1133 out./dez. 2017, 1107.

PETRONI, Ana Paula. SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Vigotski e Paulo Freire: Contribuições para a Autonomia do professor. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 9, n. 27, p. 351-361, maio/ago. 2009.

PRYJMA, Leila Cleuri. P967s **Ser professor:** representações sociais de professores. Presidente Prudente: [s.n.], 2016.

TARDIF, Maurice; RAYMOND Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n.73, Dezembro/2000.

VALÉRIO, Marcelo. Resumo do livro: CONTRERAS, José. Autonomia de professores. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002. 296p. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 327-332, out./dez. 2017.

Recebido em: 01/12/2019

Aprovado em: 20/02/2020